



INTER
FACES
CIENTÍFICAS

HUMANAS E SOCIAIS

ISSN IMPRESSO 2316-3348

ISSN ELETRÔNICO 2316-3801

DOI 10.17564/2316-3801.2015v4n1p76-87

ESPAÇO, TEMPO E SOCIABILIDADES NA CIDADE

Allisson Gomes dos Santos Goes¹

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo principal construir um debate teórico acerca de algumas temáticas que envolvem a cidade dentro dos estudos urbanos na sociologia. Nosso foco está em discutir o espaço, tempo, relações sociais e sociabilidades e processos identitários urbanos. Para construir este texto, utilizamos os trabalhos teóricos e exemplos empíricos encontrados em autores como Georg Simmel (1967), José Machado Pais (2002; 2010); António Firmino da Costa (2002) e Rogério Proença Leite (2004). O traba-

lho está dividido em quatro partes que tratam de temáticas que tem como pano de fundo a cidade. Além disso, nos apoiamos em estudos que estão circunscritos basicamente no campo da sociologia urbana.

PALAVRAS-CHAVE

Cidade. Cotidiano. Sociabilidades. Processos Identitários.

ABSTRACT

This study's main objective is to construct a theoretical discussion about some issues involving the city within the urban studies in sociology. Our focus is on discussing the space, time, social relationships and sociability and urban identity processes. To build this text, we use the theoretical and empirical examples found in authors such as Georg Simmel (1967), José Machado Pais (2002; 2010); António Firmino da Costa (2002) and Rogério Proença Leite (2004). The work

is divided into four parts that deal with themes that have the background of the city. In addition, we rely on studies that are confined primarily in the field of urban sociology.

KEYWORDS

City. Daily. Sociability. Identity Processes.

RESUMEN

Este trabajo tiene como principal objetivo la construcción de un debate teórico sobre algunas cuestiones que involucran a la ciudad dentro de los estudios urbanos en la sociología. Nuestro interés se centra en el espacio, el tiempo, las relaciones sociales y los procesos de sociabilidad y de identidad urbana. Para la construcción de este texto, se utilizan los trabajos teóricos y ejemplos empíricos que se encuentran en autores como Georg Simmel (1967), José Machado Pais (2002; 2010), António Firmino da Costa (2002) y

Rogério Proença Leite (2004). El trabajo se divide en cuatro secciones que tratan de temas que tiene como plano de fondo la ciudad. Además, contamos con estudios que se limitan principalmente en el campo de la sociología urbana.

PALABRAS CLAVE

Ciudad. Cotidiano. Sociabilidades. Procesos de identidad.

1 INTRODUÇÃO

A cidade possui um importante lugar nos estudos desenvolvidos no campo da sociologia. Dos autores clássicos aos contemporâneos muitos dão certa atenção para a cidade e os estudos urbanos. Nossa proposta neste trabalho é construir um debate teórico sobre a cidade e alguns dos elementos que permeiam as discussões acerca dos estudos urbanos, tais como: espaço, tempo, relações sociais, sociabilidades e processos identitários. O trabalho se apóia em autores como Georg Simmel (1967); José Machado Pais (2002; 2010); António Firmino da Costa (2002); Rogério Proença Leite (2004). Lançando mão de exemplos empíricos apontados pelos textos consultados dividimos o presente artigo em quatro partes.

A primeira parte do trabalho discute a mudança de paradigma da cidade, onde novas relações sociais são estabelecidas e mediadas de modo diferente. O ensaio de Simmel é bem elucidativo quando trata das novas sociabilidades na Berlim de seu tempo; além de atestar transformações estruturais na segunda metade do século XIX o seu estudo sobre Berlim serviu de base para todas as outras grandes cidades europeias. Simmel percebe que Berlim já não era mais aquela cidade rural onde todo mundo se conhecia e, ainda aponta o dinheiro como mediador das novas sociabilidades que surgem.

A segunda parte traz um debate sobre cotidiano e cotidianidade dentro deste novo paradigma, o paradigma do encontrão como bem coloca José Machado Pais (2010). A cidade continua sendo uma grande vitrine semelhante ao que Simmel havia colocado. Não há tempo para comunicações orais e a pressa ocasionada pelo corre-corre da vida cotidiana nos coloca diante de novas patologias. No terceiro ponto optamos fazer referência a alguns espaços da cidade que também se tornam lugares em alguns momentos. No espaço da rua se expressam conflitos, como os contra-usos apontados por Rogério Proença (2004), mas

também a rua se firma com espaço de lembranças, de rememoração (ARANTES, 1994). Por fim, trazemos alguns exemplos empíricos acerca das configurações dos processos identitários urbanos com o auxílio das reflexões que faz António Firmino da Costa (2002).

É importante retornar ao que colocamos como objetivo principal deste artigo, ou seja, fazer um resgate ou uma reconstrução teórica acerca da temática “cidade” e demonstrar que ontem e hoje ela ainda constitui um celeiro para inúmeros estudos não só na sociologia como em outras ciências.

2 A CIDADE: UM NOVO PARADIGMA NA MODERNIDADE

Nossa primeira tarefa neste trabalho é apontar um ponto de ruptura no modo em que a cidade se organizava e nas relações sociais que se estabeleciam entre a segunda metade do século XIX e início do século XX. Estamos apoiados nas percepções do sociólogo alemão Georg Simmel que desde os anos 1980 tem seus escritos sendo resgatados. Simmel aponta as mudanças em sua cidade natal, Berlim, e novos modos de ser e estar na cidade a partir do que ele chama de sociabilidade. Para ele, sociabilidade é:

Uma condição inerente e gerada pelas formas sociais, as quais são resultantes das múltiplas combinações interacionais acionadas pelos propósitos, impulsos e desejos dos indivíduos e dos grupos e classes sociais sintetizadas na própria formação de uma dada sociedade. (SIMMEL, 2006, p. 59-72 APUD ALCÂNTARA JR., 2007, p. 3).

A cidade do período em que Simmel escreveu torna-se palco não só de transformações estruturais como de novas formas de interação entre os indivíduos. Entre a segunda metade do século XIX e o início do século XX as cidades europeias têm um vertiginoso crescimento populacional e dimensional, fazendo com que vários

autores se dedicassem aos temas da grande cidade e do fenômeno urbano. Um desses autores foi Georg Simmel que cresce nesse turbilhão de prosperidade econômica, sobretudo industrial, pelo qual passava a Berlim do seu tempo. A população da Grande Berlim saltou de 915 mil habitantes em 1871 para quase 4 milhões em 1919. Ao longo desse período muros foram derrubados e novas áreas foram ocupadas, característica própria do fenômeno urbano (WAIZBORT, 2000).

A Berlim da passagem do século XIX para o século XX foi para Simmel seu referencial para uma análise generalizada das grandes cidades europeias. Ao tempo que a cidade crescia espacialmente, populacionalmente e economicamente, se intensificavam, ainda, as precárias condições de vida e a miséria, como também a prostituição, onde,

Mais do que uma mercadoria, a prostituta se transforma em artigo de massa para a massa. Ela é contemporânea da massa para a cidade grande. Ela está por entre a cidade, nas ruas, já que em Berlim os bordéis são terminante e eficazmente proibidos. (BENJAMIM APUD WAIZBORT, 2000, p. 314).

Miséria, prostituição, crescimento econômico, modernidade faziam da cidade grande “o lugar histórico do moderno” e Simmel soube explorar muito bem essas características que se entrelaçavam para formar o fenômeno urbano. Um fenômeno que implicava na individualidade e na indiferença, ou *blasé*, usando a expressão do próprio Simmel.

O sociólogo alemão encara a autonomia do indivíduo (liberdade) frente às formas sociais como expressão da modernidade intensificada a partir do século XVIII, este mesmo século “conclamou o homem a que se libertasse de todas as dependências históricas quanto ao Estado e à religião, a moral e à economia” (SIMMEL, 1967, p. 13). Sem dúvida, é também esta liberdade que induz o homem moderno a constituir novas formas de socialização a partir de uma nova “base psicológica”, uma “intensificação dos estímulos nervosos” (SIMMEL, 1967, p. 14).

O que Simmel chama de psicológico nada mais é do que o aspecto subjetivo do indivíduo e, ainda resalta que a vida nervosa e a aceleração do tempo são processos que ocorrem na consciência (WAIZBORT, 2000). A cidade moderna torna-se campo para o desenvolvimento desta nova forma de vida, de ser e estar no mundo, sendo assim, aqui nos interessa como se configuram as relações sociais costuradas pelos indivíduos.

Simmel emprega outra marca ao fenômeno urbano e a cidade moderna: sua rapidez em relação à vida rural. Ele fala de uma maior fluidez do “conjunto sensorial de imagens mentais” (SIMMEL, 1967, p. 14). Um exemplo cotidiano com relação a esta colocação simmeliana é a oposição entre as nossas cidades de interior e as capitais, ambas têm uma temporalidade da vida cotidiana diferente, além de espacialmente serem opostas.

Na cidade do interior o tempo é menos veloz e o espaço, também, é menor, assim, é possível costurar relações entre os indivíduos mais sólidas, pois, é na zona rural que encontramos algo singular: todo mundo conhece todo mundo. Nas capitais rompe-se com esse tempo lento, damos lugar às intensas atividades exercidas nos diversos âmbitos da vida, é o estímulo nervoso, acelerado, intensificado que faz com que sejamos indiferentes ao nosso vizinho, ao colega de classe, ao companheiro de trabalho.

Essa é outra característica explorada por Simmel, a indiferença ou simplesmente uma atitude *blasé*. O dinheiro, também, auxilia da emergência dessa individualização/indiferença. Um bom exemplo são as relações de consumo, só precisamos perguntar “quanto?” e nada mais. Não precisamos saber quem fabricou, de onde veio ou de que forma chegou até nós. Assim, as relações são reduzidas a rápidas trocas. Voltado à atitude *blasé* é preciso ao dizer que:

Ela resulta em primeiro lugar os estímulos contrastantes que, em rápidas mudanças e compreensão concentrada, são impostos aos nervos. Disto parece originalmente jorrar a intensificação da intelectuali-

dade metropolitana [...]. A essência da atitude *blasé* consiste no embotamento do poder de discriminar. (SIMMEL, 1967, p. 18).

Há um movimento no sentido de ser indiferente quanto às coisas ao redor do indivíduo moderno, um embotamento, uma falta de sensibilidade. Mas isso não significa que essas coisas não são percebidas, na verdade elas não têm nenhuma preferência para o indivíduo (SIMMEL, 1967, p. 18-19). Podemos acrescentar como outra causa dessa indiferença o racionalismo de todas as atividades cotidianas que encontra espaço próprio na grande metrópole. A organização racional do tempo e do espaço é muito importante para que a vida possa fluir e a atitude *blasé* é fundamental para alcançar esse fim (WAIZBORT, 2000, p. 322).

A autopreservação é mais uma configuração desse fenômeno. É na cidade moderna que o indivíduo fecha-se em seu mundo para, talvez, preservar sua subjetividade. O que se torna mais comum é a rapidez e a escassez dos contatos humanos e o encontro frequente com pessoas desconhecidas. Como o homem metropolitano é livre ele pode costurar esse tipo de relação com os outros ao ponto de estar próximo e distante ao mesmo tempo (SIMMEL, 1967, p. 25; WAIZBORT, 2000, p. 323).

A indiferença e a autopreservação trazem a tona um novo tipo de solidão muito pior do que o conhecido anteriormente. Assim, é preciso reiterar que “os modernos são indiferentes. Neles opera aquele princípio da indiferença. Ele apaga os traços pessoais; estamos sempre envolvidos numa multidão que é anônima, composta de anônimos” (SIMMEL, 1906, p. 113 APUD WAIZBORT, 2006, p. 324). Os meios de transporte público, os aeroportos, *shoppings center* são lugares em que nos encontramos envoltos por estas multidões, somos figuras anônimas numa multidão que também é anônima. São lugares de passagem em que seria quase impossível formatar relações duradouras.

Ser o lugar do esquecimento é mais uma característica da metrópole moderna. Para Simmel, os indivíduos veem muito e ouvem pouco. Se eles ouvem pouco isso significa que se comunicam pouco, ou melhor, com pouca profundidade e, assim, estão propensos a esquecer. Ele, também, ressalta que nossa “capacidade de rememoração” é maior com relação ao que ouvimos e, como já frisamos, vemos mais do que ouvimos na metrópole, maximizando nossa inclinação para o esquecimento, características do indivíduo moderno que não tem tempo para parar e perceber o mundo ao seu redor (WAIZBORT, 2006, p. 331).

Em suma, a cidade grande e o fenômeno urbano desenvolvem-se sob a alçada da modernidade, esta por sua vez emprega suas marcas na vida cotidiana e no modo com que os indivíduos constroem suas relações com os outros. O crescimento espacial e populacional da Berlim, do final do século XIX e início do século XX, fez com que Simmel refletisse sobre o papel desta modernidade que faz eclodir características peculiares como a indiferença, a autopreservação e a rapidez com que a vida transcorre, uma oposição a vida rural anteriormente conhecida.

3 COTIDIANO E COTIDIANIDADE NA CIDADE

De posse destas mudanças na cidade e na emergência de novas sociabilidades, como o comportamento *blasé*, registrado anteriormente, é preciso apontar como se configura o cotidiano e a cotidianidade na cidade. É certo que um novo paradigma para a cidade, também, traz um novo paradigma para o seu cotidiano.

O sociólogo português Pais (2002) aponta certo preconceito por parte de alguns em adentrar na temática do cotidiano e compara esta situação com a de dois pintores do início do século XVII que em suas obras começaram a retratar o cotidiano das tabernas. Além disso, técnicas diferentes e inovadoras foram utilizadas por eles, rebatendo as formas de pintar e os “pactuados padrões de beleza” (PAIS, 2002, p. 27).

Tanto os pintores do início do século XVII quanto Georg Simmel, por exemplo, foram acusados de retratistas, pois, ao cercarem a realidade e “converterem o cotidiano em permanente surpresa” seria um tanto “atrevido” e “insolente” (PAIS, 2002, p. 28).

Mas afinal, o que seria o cotidiano? José Machado Pais (PAIS, 2002, p. 30-31) apresenta um caminho satisfatório para responder esta pergunta. Sempre ouvimos falar que o cotidiano é o que se passa todos os dias ou que o cotidiano é simplesmente rotina, contudo, o autor demonstra que na origem etimológica do vocábulo *rotina* é possível visualizar outro sentido, o de *rupta* que origina a palavra ruptura. Assim, o cotidiano além de ser rotina é também ruptura, aquilo que acontece fora da normalidade, mas que também é contingente, desta forma,

É nestas rotas – caminhos de entrecruzilhada entre rotina e a ruptura que se passeia a sociologia do cotidiano, passando a paisagem social a pente fino, procurando os significantes mais do que os significados, juntando-os como quem junta pequenas peças de sentido num sentido mais amplo: como se fosse uma sociologia passeante que se vagueia descomprometidamente pelos aspectos anódinos da vida social, percorrendo-os sem contudo neles se esgotar, aberta ao que se passa, mesmo ao que se passa quando “nada se passa. (PAIS, 2002, p. 31)

Cabe ainda ressaltar que esta ruptura do cotidiano não deve ser descartada em hipótese alguma na sociologia, ao contrário, ela pode servir para sua compreensão por dois motivos:

1) por possibilitar o entendimento de certas ações cotidianas que não se circunscrevem à normatividade predominante nos contextos de vida pública; e 2) por permitir compreender a dimensão profundamente conflitante da vida urbana contemporânea e os distintos mecanismos que subsidiam as práticas sociais que alteram a vida cotidiana. (LEITE, 2010, p. 737-738).

Tempo e cotidiano estão intimamente ligados na cidade, pois, à medida que a cidade se reveste de um modo de vida efetivamente urbano o tempo se torna precioso no cotidiano de seus indivíduos. Uma mudança que é

importante destacar está na forma com que as pessoas andam, se deslocam e se encontram na cidade.

Na primeira metade do século XIX, Balzac⁴ destaca que a forma lenta de andar dos indivíduos estava relacionada com sua inserção social mais abastada. Aqueles que andavam devagar não estavam presos ao tempo e por isto eram pessoas nobres, de posses, ao contrário do andar apressado que “revelava uma má educação”. Toques, cumprimentos, cortesias, tudo isto estava sincronizado com o tempo lento que deveria ser seguido a fim de demonstrar polidez e graça (PAIS, 2010, p. 135-136). Mas, o paradigma da lentidão dá lugar ao paradigma do encontro, ou seja, da rapidez, do encontro abrupto, rápido. Quando existem, os cumprimentos são encurtados dando lugar a um simples “oi”.

O encontro nada mais é do que “ir contra ou em contra alguém” e aquele comportamento *blasé* apontado por Simmel – a indiferença no modo de vida urbano – está ligado ao medo de ter “seu espaço íntimo invadido por alguém desconhecido” (PAIS, 2002, p. 137). Com o tempo escasso e um sentimento de autopreservação a cidade torna-se uma grande vitrine, um lugar só para contemplação e não para comunicação (SIMMEL, 1967). Não é raro encontrar pessoas imersas em seus mundos com o auxílio de seus fones de ouvido e que anunciam para os que estão a sua volta “eu não quero me comunicar” (PAIS, 2010).

De monocrônicas as pessoas passam a ser polícronicas. Não há porque fazer uma coisa de cada vez quando se dispõe de pouco tempo. É preciso ser polícronico neste novo paradigma, trabalhar e estudar ao mesmo tempo, assistir vários programas televisivos de uma só vez, dirigir e falar ao celular, “somos permanentemente tentados a saltitar do ficheiro de trabalho para o correio eletrônico e deste para os blogs de amigos ou conhecidos” (PAIS, 2010, p. 138). A imediatividade também é fruto do “encontro”,

4. “L'Europe Littéraire”, agosto-setembro de 1833. Texto de Honoré de Balzac citado no referido artigo de José Machado Pais.

onde tudo tem que ser “pra ontem” e “quase ninguém ousa dar tempo ao tempo” (PAIS, 2010, p. 138).

Como afirmamos anteriormente, a cidade tornou-se uma grande vitrine, lugar para ver e não para ouvir. Na falta de comunicação oral recorre-se a comunicação visual. Um bom exemplo apontado também por Pais (2010) é a comunicação feita por adesivos nos veículos automotivos que oferecem a oportunidade de fuga no contexto da vida cotidiana apressada. Estes adesivos comunicam status, opiniões, desejos, insultos e até avisos de que a comunicação não é permitida. De qualquer forma “não dar ouvidos não significa que os mesmos (os indivíduos) não sejam constantemente assediados ou importunados” (PAIS, 2010, p. 146). Estes adesivos não só comunicam, também expressam modos de vida e relações sociais.

Em decorrência deste modo de vida urbano, do cotidiano apressado e da escassa comunicação oral, surgem algumas síndromes e doenças que passam a fazer parte da vida cotidiana dos indivíduos. A competitividade e a pressa exacerbada acarretam em doenças do coração e tensões que devem ser tratadas. (PAIS, 2010).

Enfim, o cotidiano além de ser aquilo que nos é dado a cada dia, é também compostos por rupturas, ou melhor, perturbações dos seus fluxos regulares (CERTEAU, 2005; LEITE, 2010). É na cidade que tempo e cotidiano tomam uma dimensão significativa do modo de vida urbano, onde, a lentidão dá lugar a pressa e ao encontro abrupto, ao corre-corre. A indiferença e um sentimento de autopreservação fazem com que a cidade torne-se uma vitrine, pois, o ver prevalece sobre o ouvir como aponta Simmel (1967).

Na falta de comunicação oral os indivíduos recorrem a comunicação visual que também comunica gostos, modos de vida e relações sociais. Todo esse apressamento da vida cotidiana faz emergir doenças e síndromes que nos levam a reafirmar o que está nas leituras feitas de Pais (2010) que, algumas vezes o patológico está estreitamente ligado ao *phatossocial*.

4 A RUA: ESPAÇO DE CONFLITOS E LEMBRANÇAS

Na cidade, a rua pode ser vista como espaço de conflitos e também de lembranças. Os conflitos podem ser físicos ou apenas simbólicos (os que mais nos interessa aqui), são disputas ou mais propriamente guerras que a “experiência social contemporânea propicia” (ARANTES, 1994, p. 191). E como a rua pode ser um espaço de lembranças? O próprio caminhar pela rua “permite a recolha de fragmentos de histórias pessoais e dos lugares” a partir do conteúdo simbólico que possui (ARANTES, 1994, p. 198). É neste ponto que a rua passa a ser um “lugar”, já que, o espaço passa a ter significado/sentido para o indivíduo que faz uso dele. A noção de uso da rua como aponta Frehse (2009, p. 57) “sintetiza comportamentos corporais e formas de sociabilidades” ali visualizadas.

A rua é um espaço de passagem e sempre remeterá a uma ideia de lugar para todos os indivíduos a partir da concepção de cidade moderna oriunda do século XIX. Uma cidade moderna tinha que garantir que suas ruas fossem “locais fisicamente abertos e legalmente irrestritos” (FRESHSE, 2009, p. 151). Como o uso da rua não é “gratuito”, queremos apreender tais usos a partir de uma concepção mais interpretativa das sociabilidades desenvolvidas e desta maneira apontar alguns exemplos empíricos dos conflitos na rua.

Arantes (1994) fala em uma guerra dos lugares nas ruas e praças das cidades contemporâneas, principalmente nas megacidades. Ele apreende que a experiência urbana contemporânea propicia a “formação de uma complexa arquitetura de territórios, lugares, não lugares” que são muito mais efêmeros do que os territórios sociais identitários (ARANTES, 1994, p. 191). Seu exemplo empírico é a Praça da Sé localizada no centro da cidade de São Paulo, aonde ele enxerga vários lugares e espaços efêmeros, além de zonas de contato. Diferente de outras praças a Sé deixa de ter uma dimensão social enquanto “esfera pública burguesa” e lá:

Ganham visibilidade algumas das principais tensões e conflitos sociais. Aí se expõe publicamente a falta de direitos de cidadania da grande maioria da população da cidade, que se identifica na incidência de assaltos, no comércio e ostensivo consumo de drogas, na construção de moradias “invisíveis”, no sub-emprego, na mendicância e na oferta de uma vida melhor através das loterias, das porções milagrosas e das pregações religiosas. (ARANTES, 1994, p. 192).

Estes conflitos e tensões se expressam em lugares que não estão um ao lado do outro, eles se superpõem, ou seja, não estão dentro de uma única categoria e sim formando zonas simbólicas de transição (ARANTES, 1994).

Mesmo sendo um lugar de passagem com fluxo intenso de pessoas, a Praça da Sé tem seus “habitantes” que sempre cruzam com aqueles que só estão de passagem. São crianças que cheiram cola, brincam, conversam; homens e mulheres que fazem “bicos”, mas que têm a praça como seu lar; casais que expõem suas intimidades, demonstrando que, de fato, ali não há diferença entre “casa e rua”, pois, a própria rua transformou-se em casa. Estas casas na Praça da Sé são organizadas e delimitadas com “cacos e restos” fazendo surgir as paredes, invisíveis, mas existentes (ARANTES, 1994, p. 196).

Como a praça comporta um grande fluxo de pessoas as fronteiras são constantemente atravessadas, é onde se podem visualizar os conflitos, tais como mencionados anteriormente. O passo apressado do transeunte demonstra que há um conflito simbólico (ou não) entre o que passa e o que permanece na praça. Repulsa e medo ou simplesmente indiferença alimentam aqueles que passam pelo espaço da praça diariamente. A insegurança é um dos fatores que estão envolvidos neste conflito, insegurança que é gerada pelas diferenças econômicas e sociais no seio da sociedade.

Os contra-usos, também, são expressões dos conflitos que ocorrem na cidade e em seus espaços, tais como a rua. Leite (2004), em seu estudo sobre

o Bairro do Recife Antigo aponta que depois da execução do projeto de revitalização urbana do bairro houve uma série de conflitos neste espaço enobrecido. Esses conflitos perpassam sobre esta política urbana que realocaliza o sentido dos lugares e das tradições no bairro, daí, alguns atores sociais não participarem deste processo, contribuindo para a emergência dos conflitos (LEITE, 2004, p. 214).

O Bairro do Recife Antigo é de habitação antiga e possui, ainda, uma área de favela que foi deixada a margem do processo de reestruturação urbana, todavia, constantemente os moradores dessa área marginalizada (assim como de outras partes do bairro) voltavam às áreas revitalizadas (e que antes eram frequentadas por eles) como forma de contra-uso. Era constante, como constata o autor em sua pesquisa de campo, a remoção de crianças das ruas revitalizadas para que os seus frequentadores não fossem perturbados. Outra forma de conflito era o “cercamento das ruas”, quando cavaletes eram dispostos nas entradas e saídas das ruas com o pretexto de deixar o espaço livre para os pedestres, todavia, era na verdade uma forma de controlar aqueles que passavam por lá. Os olhos atentos dos seguranças estavam sempre voltados para os moradores do bairro que ousavam passar pelas ruas enobrecidas (LEITE, 2004).

As reclamações eram constantes e muitas foram ouvidas pelo pesquisador, pois, se tratava de cercar um direito deles de circular pelas ruas que antes frequentavam. Mas, do mesmo modo que as crianças eram retiradas e voltavam, os adultos também persistiam em retornar a estas ruas, tanto na forma de trabalhadores (aqueles que faziam apresentações lúdicas) como aqueles que insistiam em passar por elas, como alguns trabalhadores do porto (LEITE, 2004).

Como dissemos anteriormente a rua, também, é um espaço de lembranças. Arantes (1994) nos fala que é caminhando por ela que recolhemos os fragmentos da história do lugar e das histórias pessoais, e por que não da nossa própria história? As constru-

ções, os marcos, as pessoas, os pontos de referência, tudo pode fazer lembrar épocas, acontecimentos, a história. Como ele mesmo nos diz:

O deslocamento excita a imaginação. Indaga, perscruta, libera lembranças e emoções. Faz reviver narrativas e flagrantes de experiências passadas. Leva ao encontro de referências pessoais e dos lugares de memória social. Um marco remete a outro logo em seguida, na cidade onde se viveu por longo tempo. A lembrança constitui o trajeto, obscurece as distâncias, põe em relação. O caminhar permite a recolha de fragmentos de histórias pessoais e do lugar. (ARANTES, 1994, p. 198).

Em resumo, as ruas das cidades (assim como as praças), que são lugares de passagem legalmente irrestritos e públicos, permitem visualizar os conflitos e os momentos de lembranças, frutos das múltiplas sociabilidades estabelecidas lá. Arantes (1994) demonstra como os conflitos emergem e podem ser enxergados a partir das relações estabelecidas, tanto pelos que passam como pelos que permanecem.

Da mesma forma Leite (2004) traz a ideia de contra-uso dos lugares, neste caso, as ruas do Bairro do Recife Antigo enobrecidas pelo projeto de revitalização. É na forma de contra-uso que enxergamos os conflitos estabelecidos entre os que participam da revitalização (gestores e os próprios usuários) e aqueles que ficaram de fora dela (os moradores das classes populares). Ao lado dos conflitos está, também, a possibilidade de rememoração, de lembrança, que as ruas proporcionam ao caminhante a partir dos referenciais simbólicos que estão por toda parte.

5 CIDADE E PROCESSOS IDENTITÁRIOS URBANOS

Na cidade os processos identitários emergem e se desenrolam, fazendo dela um celeiro para estes estudos. Entendemos por processos identitários relações de poder que resultam em diferenciação, hierarquização e classificação (ENNES; MARCON, 2014). É uma fuga da essencialização e naturalização do conceito de identidade muito utilizado pela mídia e por alguns setores da academia.

Neste mesmo sentido, Costa (2002, p. 18) faz uma contextualização não essencialista das identidades culturais urbanas e reafirma “a especificidade relacional e simbólica dos fenômenos identitários”. Como Hall (2005), Costa (2002) acredita que:

À medida que os processos contemporâneos de globalização se intensificam e se alargam, envolvendo poderosíssimas dinâmicas de interligação e intercâmbio, de comunicação e difusão em termos mundiais, as identidades culturais diferenciadas, específicas, fragmentadas, ou mesmo marcadamente particularistas, em vez de se esbaterem ou desintegrarem parecem tender a proliferar, a multiplicar-se e a acentuar-se. (COSTA, 2002, p. 15).

Esse é um dos caminhos apontados por Stuart Hall (2005) para a identidade cultural na globalização, o de reforço das identidades locais e que António Firmino da Costa acredita que ocorra com as identidades culturais urbanas particularistas e diferenciadas. A partir de três exemplos ele traz uma rica exposição dos múltiplos processos que envolvem os processos identitários urbanos em Portugal.

O primeiro exemplo é o conflito identitário que se passa na pequena cidade de Barrancos, localizada no sul de Portugal, que se tornou conhecida por causa de um único elemento da festa anual de Nossa Senhora da Conceição. Lá, como em algumas festas espanholas, acontece o sacrifício de touros e a distribuição da carne ao fim de cada dia e que possui um significado próprio. Tudo mudou quando a mídia portuguesa noticiou o episódio, suscitando o debate nacional, já que as corridas de touros eram proibidas em território português.

O que interessa neste exemplo é, na verdade, o que foi colocado nos debates travados entre os que se mostravam contra e a favor da festa. A ideia de urbanidade e de uma cultura urbana não combinava com aquela matança e era encabeçada pelos que se posicionavam contra; os que se mostravam a favor viam certo exotismo e viam a festa como um atrativo turístico. Como bem colocou Costa (2002, p. 21):

O atual contexto relacional de urbanidade globalizada conduz, assim, a um duplo processo. No âmbito dos protagonismos sociais, potencia a multiplicação de dinâmicas identitárias. Estas têm evidenciado faces diversas e de sinal contrário, podendo muito bem assumir caráter de agressão ou convivência, de isolamento ou hibridação, de cristalização ou inventividade, de sincretismo ou reformulação.

Para potencializar essas dinâmicas identitárias que inclui os conflitos, alguns mecanismos são muito importantes, tais como, os “meios de comunicação, espaço público, modos de vida diversificados, movimentos sociais”, como foi o caso de Barrancos (COSTA, 2002, p. 22).

Outro exemplo apresentado pelo autor é o da “Expo’98”, exposição mundial sediada em Lisboa no ano de 1998. Essa exposição remonta o século XIX e na edição de 1998 contou com a participação de mais de 150 países expositores e muitas organizações internacionais. É um evento onde se apresenta ideias inovadoras e itens culturais dos países participantes. Mas o que nos interessa é apresentar o que foi desencadeado a partir dos preparativos da exposição e mesmo depois dela.

Antes de a candidatura ser aceita pelos promotores da exposição, a cidade Lisboa teve que traçar um grande plano de reestruturação urbana numa área da muito degradada próxima a pontos importantes, como o aeroporto e a nova ponte, a Vasco da Gama. Esse plano urbanístico tinha (e a candidatura por si só) um forte “apelo identitário”, pois, se tratava de projetar Portugal “para o mundo” e principalmente para os próprios portugueses.

Posteriormente, a área foi rebatizada como Parque das Nações e o governo estava empenhado em passar uma imagem de modernização que vinha acontecendo desde o fim da ditadura de Marcello Caetano, sucessor de Salazar, em 1974 (COSTA, 2002, p. 22-23) ao revitalizar esta área da cidade. Os recursos materiais e simbólicos, que por sua vez tornam-se imagens identitárias,

são renovados, visto o novo momento em que vivia o país na década de noventa, assim, a apropriação destas imagens identitárias pela população cria, ao contrário do exemplo de Barrancos, uma “representação de identidade cultural nacional” e a identidade torna-se “objeto de ação institucional” (COSTA, 2002, p. 23).

O que se apresenta como recursos materiais e simbólicos estão relacionados tanto com o aspecto físico do processo de renovação urbana, como com a imagem de uma nova Lisboa que ficou no imaginário das pessoas depois da feira, todavia, a própria feira como grande evento que atraiu a atenção do mundo para Portugal possui “dimensões com incidência identitária” muito forte (COSTA, 2002, p. 23). A dimensão comunicacional é uma das principais, pois, trata-se de projetar em grande escala as expressões artísticas e culturais e colocar Lisboa na “rota das programações globalizadas” (COSTA, 2002, p. 23), assim, torna-se possível que muito mais pessoas tenham acesso a tais expressões que fazem parte dessa identidade cultural nacional.

O caso do bairro lisboeta de Alfama é o terceiro exemplo apontado por António Firmino da Costa no que concerne às identidades urbanas em tempos de globalização. Alfama é o bairro mais antigo da cidade e alguns elementos são datados da época do domínio muçulmano na península ibérica, mas a maior parte de seu patrimônio arquitetônico é de épocas posteriores como o Castelo de São Jorge e o Chafariz de El-Rei, provavelmente o primeiro da cidade e construído no século XIII. Na década de 1980 houve um movimento que reivindicava a restauração do bairro e em muitos aspectos a identidade do bairro estava no debate (COSTA, 2002, p. 24).

No embate sobre a restauração no núcleo histórico medieval há “duas versões da identidade cultural do bairro”, a primeira que margeia o discurso histórico-patrimonialista e a segunda com um tom socio-cultural. A primeira é mais elitista e pensada de fora para dentro e tem um aspecto muito mais turístico, já a segunda versão é encabeçada de dentro para fora do

bairro, é o discurso daqueles que vivem efetivamente o cotidiano do bairro. O autor conclui dizendo que estas duas modalidades identitárias conviviam de maneira implícita, contudo, é com o processo de *gentrification* que um novo discurso identitário surge e a “a identidade cultural de Alfama foi tematizada politicamente, de forma explícita e reflexiva, como vetor decisivo de mobilização e reivindicação” (COSTA, 2002, p. 26).

Por fim, nosso objetivo com a menção de todos estes exemplos dos processos identitários da cidade era de mostrar que ela também é fonte destes processos, já que, a cidade é um espaço de conflitos e para que os processos identitários possam emergir é preciso que haja conflito, disputas que configuram as relações de poder.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A modernidade traz um novo paradigma para a cidade como nos mostra Georg Simmel (1967) em seu trabalho. Ao longo de sua exposição ele goteja alguns pontos de ruptura que faz com que surjam novas sociabilidades ou novas interações neste novo modelo de cidade entre a metade do século XIX e início do século XX. É notório que a cidade moderna difere daquele modelo de cidade rural onde todos se conhecem e as relações sociais são caracterizadas pela proximidade.

Para Simmel (1967), as relações eram mediadas pelo dinheiro, o que garantia um afastamento entre as pessoas. O comportamento *blasé* era um sentimento de indiferença, algo como “estar alheio” ao que se passa à sua volta. Na cidade moderna, diria ele, não há mais espaço para ouvir e o olhar se sobrepõe ao ver, como numa grande vitrine.

Conectamos o que Simmel (1967) escreve com o que José Machado Pais (2010) discorre sobre o corre-corre da vida cotidiana na cidade. Estamos com falta de tempo e por isso não podemos nos comunicar oralmente, assim, só sobra espaço para comuni-

cação visual, como aquela feita com os adesivos dos carros que, também, se apresentam como uma tentativa de fugir dessa realidade apressada.

Mergulhados em nossos fones de ouvidos vemos a cidade passar, também, como uma imensa vitrine. Sem dúvida, esse modo de vida atropelado que arrebatou o lugar do paradigma da lentidão do século XIX, onde o caminhar lento indicava certa educação e civilidade, faz emergir certo número de síndromes e doenças como a hiperatividade e a síndrome da pressa, atestando que muitas vezes o patológico está intimamente relacionado ao *phato social* (1967).

Mesmo em meio ao corre-corre da vida cotidiana é possível perceber que nos espaços da cidade existem conflitos e além, estes espaços suscitam momentos de lembranças e rememoração. Nas ruas, assim como nas praças, há conflitos e tensões sociais ocasionados pelas (entre outros motivos) desigualdades econômicas e sociais que têm por trás iniciativas como os processos de enobrecimento urbano. Os contra-usos são expressões desses conflitos, por exemplo, em espaços enobrecidos como mostrou Rogério Proença (2004). Todavia, o andar pela rua possibilita a lembranças da história dos lugares e pessoais a partir dos marcos, monumentos, lugares de encontro etc. (ARANTES, 1994).

A cidade, também, abriga a construção de identidades ou processos identitários urbanos, tornando-se um grande celeiro para estes estudos. Os exemplos empíricos de António Firmino da Costa (2002) foram elucidativos na medida em que expuseram a dimensão não essencialista da identidade a partir dos conflitos urbanos em contexto de globalização.

Acreditamos que o objetivo de contribuir com uma reconstrução teórica sobre algumas sociabilidades na cidade foi alcançado. Os exemplos empíricos retirados dos trabalhos teóricos foram elucidativos e reafirmam que a cidade continua a possuir um importante papel dentro dos estudos feitos pela sociologia.

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA JR., José. **Análise de expressões da sociabilidade dos passageiros de ônibus de São Luís.** Disponível em: <<http://www.gepfs.ufma.br/proj/PROJETO%20DE%20PESQUISA%20SOCIALIZAÇÕES%20DOS%20PASSAGEIROS%20DE%20ÔNIBUS%20SAO%20LUIS.pdf>>. Acesso em: 2 jan. 2012.

ARANTES, A. A Guerra dos lugares: Sobre fronteiras simbólicas e liminaridades no espaço urbano. **Revista do patrimônio histórico e artístico nacional**, n.23, São Paulo, 1994. p.191-203.

CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano.** Petrópolis: Vozes, 2005.

COSTA, A. F. Identidades culturais urbanas em época de Globalização. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v.17, n.48, São Paulo, fev. 2002. p.16-30.

ENNES, Marcelo A.; MARCON, F. Das identidades aos processos identitários: repensando conexões entre cultura e poder. **Revista Sociologias**, v.16, n.35, Porto Alegre, jan/abril. 2014. p.274-305.

FREHSE, F. Usos da Rua. In: FORTUNA, C.; LEITE, R. P. **Plural de cidades:** Novos léxicos urbanos. Coimbra: Almedina, 2009.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

LEITE, R. P. A inversão do cotidiano: práticas sociais e rupturas na vida urbana contemporânea. **Dados – Revista de Ciências Sociais**, v.53, n.3, 2010. p.737-756.

LEITE, R. P. **Contra-usos da cidade:** lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea. Campinas, SP: UNICAMP; São Cristóvão: UFS, 2004.

PAIS, J. M. **Sociologia da vida cotidiana:** teoria, métodos e estudos de caso. Lisboa: ICS, 2002.

PAIS, J. M. O “corre-corre” cotidiano no modo de vida urbano. **Tomo/Dossiê Cidades**, n.16, jan/jul, 2010. p.131-156.

SIMMEL, G. A metrópole e a vida mental. **O fenômeno urbano.** Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

SIMMEL, G. **Questões fundamentais da sociologia:** indivíduo e sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

WAIZBORT, L. **As aventuras de Georg Simmel.** São Paulo: USP, 2006.

Recebido em: 10 de Julho de 2014
Avaliado em: 06 de Maio de 2015
Aceito em: 07 de Maio de 2015

1. Mestre em Sociologia pelo Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal de Sergipe (PPGS/UFS) e membro do Grupo de Estudos e Pesquisa “Processos Identitários e Poder” (GEPPIP/Cnpq/UFS). Email: allissongoes@gmail.com